

APRESENTAÇÃO

O momento que vivemos na atualidade é extremo, um coronavírus literalmente coloca em cheque a estrutura atual de organização econômica, política e social, trazendo incertezas sobre o futuro, seja próximo ou de médio e longo prazos. Nesse contexto, caem sobre a área acadêmica as esperanças da grande maioria dos seres humanos, aguardando com ansiedade que seja desenvolvido em tempo recorde um medicamento ou vacina que nos livre da catástrofe. Justamente a área que, no Brasil, tem sido tão atacada e ameaçada pelas políticas públicas restritivas de financiamento nos últimos anos. Por outro lado, esperemos que essa possível mudança de paradigma, que nos obriga a sair da zona de conforto e a superar crenças e formas de ser limitantes, possibilite transformações que nos levem a ser uma melhor versão de nós mesmos.

Assim como na Apresentação do número anterior de nossa revista, só que em contexto bem diverso, a editoria exorta aos seus leitores que não se deixem abater, que utilizem essa situação para investir no seu aprimoramento, nas relações pessoais e especialmente na solidariedade.

O novo número de *Museologia e Patrimônio* (M&P) apresenta textos nas seções de Artigos, Relatos de Experiências e Resenhas. A seção **Artigos** se inicia com um grupo de 5 textos que se articulam na temática do sagrado na Museologia e nos estudos sobre o Patrimônio. O primeiro texto, de autoria da pesquisadora portuguesa Maria Isabel Roque, aborda os cruzamentos da Museologia com o fenômeno religioso, já que muitos museus expõem objetos ligados ao sagrado, relacionados com o culto e a devoção. Discute mais especificamente a *musealia* proveniente do Cristianismo, responsável até o séc. XVIII por boa parte da produção artística. Nesse contexto, a autora adentra a história da arte religiosa abordando a mútua influência entre Portugal e Brasil, especialmente no contexto do Barroco, com reflexos nas dinâmicas interculturais da religiosidade popular e das manifestações do seu culto externo. Utiliza a expressão Museologia da religião e conclui que os desafios que se colocam à musealização do sagrado são idênticos em ambos os países. Em seguida, Myriam Andrade Ribeiro, reconhecida especialista em arte sacra, analisa em linhas gerais os aspectos fundamentais do Barroco na arquitetura e decoração interna das igrejas construídas no Brasil entre 1680 e 1750. Demonstra de forma conclusiva a independência dos períodos Barroco e Rococó na arte brasileira dos séculos XVII e XVIII, sendo o último vinculado à tradição francesa e germânica e o primeiro de tradição italiana. O terceiro texto, de autoria de Julio Cezar Neto Dantas e Teresa Scheiner, apresenta aspectos da memória histórica de Paraty, em alguns traços materiais e imateriais, onde a complexa malha relacional que constitui a cidade como patrimônio é apresentada por meio de práticas religiosas ligadas às Irmandades que historicamente organizam e dirigem o sentimento de religiosidade dos moradores. Os autores destacam que o “patrimônio paratyense” estende-se para além dos rituais comunitários e dos objetos musealizados, para além das igrejas, capelas e práticas festivas. E está presente em aspectos arquitetônicos do seu centro histórico, no tanger dos sinos das igrejas, no sorriso e emoção das pessoas. A devoção religiosa é o verdadeiro patrimônio que propicia a sua continuidade ao longo do tempo, o “espírito do lugar”. No artigo

seguinte, Percival Tirapele discute a transposição de objetos primariamente religiosos para os museus, onde passam a ter outras funções não mais para os fiéis, mas sim para os estudiosos. Enfoca a expatriação de obras religiosas e mesmo templos para museus de nações desenvolvidas. Para tal, apresenta inúmeros exemplos da Antiguidade, na Grécia antiga e no Egito, assim como da Roma papal, que se encontram em grandes museus da Europa e dos EUA. Esse abrigo oferecido por essas nações e seus museus, como salvadoras e guardiãs desses objetos por mais de um século, foi visto com benevolência até o século passado. Ao final o autor aborda também o caso das peças religiosas do barroco brasileiro. O sexto artigo, intitulado “Museus provinciais: contribuições para o panorama museológico brasileiro”, é de autoria de Suely Moraes Ceravolo e Maria Margaret Lopes. O texto apresenta resultados de pesquisa sobre museus provinciais, a partir de fontes arquivísticas, material bibliográfico e coleções constituídas ao longo do século XIX que, segundo as autoras, não mereceram ainda maior atenção da historiografia no país. Esses museus, localizados em províncias (depois estados federativos), não são incluídos no *status* de nacionais. Problematisa-se a ideia de *lost museums*, assim como a própria ideia de museus provinciais tomando como exemplos o caso de museus baianos (o Provincial e o do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia). Problematisa-se a impermanência decorrente do fenômeno da tafonomia procurando apresentar um caminho de estudos sobre coleções e museus que não são “cápsulas para a posteridade”, mas que podem constituir parte do passado museológico brasileiro. No artigo seguinte, de autoria de Clovis Carvalho Britto, também relacionado à museu baiano, investiga-se um dos momentos centrais do debate sobre a musealização de restos mortais no Brasil, a partir do cotejamento de diferentes narrativas em torno dos despojos humanos do cangaço exibidos até a década de 1960, no Museu Estácio de Lima, em Salvador. De acordo com o autor, a musealização dos restos mortais do cangaço inaugurou um debate que aproximou os museus aos Direitos Humanos, problematizando os impactos das ações de produção, arquivamento e difusão de legados. As narrativas sobre o extinto Museu Estácio de Lima e a sua ‘coleção de cabeças’ contribuem para a compreensão da complexa trama discursiva acionada pela musealização e para a percepção dos limites e ressonâncias da exibição de ‘objetos sensíveis’ em museus. O oitavo artigo, de autoria de Soraya Almeida, se debruça sobre um conjunto de rochas com sulcos lineares situado no Morro da Guia, na cidade de Cabo Frio. Várias origens foram atribuídas a essas marcas, que já foram interpretadas como polidores líticos, petrogriflos, marcadores geográficos e como símbolos de rituais místicos. Conforme a autora, os sulcos são vestígios de uma pedreira cuja exploração antecede a instalação da colônia portuguesa em Cabo Frio. O estudo petrográfico confirma a correlação entre as rochas do Morro da Guia e as que constituem as cantarias do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, que abriga o Museu de Arte Religiosa e Tradicional, com acervo de arte sacra dos séculos XVII e XVIII. A autora sugere que as rochas do Morro da Guia, com suas Pedras Sulcadas, assim como as cantarias e alvenarias dele derivadas, sejam associadas à história do patrimônio físico e memorial do museu. No último artigo, de autoria de Kimberly Terrany Alves Pires e Ana Carolina Gelmini de Faria, propõe-se a construção de conhecimento com base na cultura material, contemplando o acervo museológico dos Laboratórios de Ensino de Física, vinculados ao Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresenta-se o itinerário de pesquisa museológica e seus resultados a partir de um objeto: o Interfêmetro de

Michelson e Fabry-Perot. As pesquisas realizadas indicaram que existe a possibilidade de que os objetos do acervo pertenceram aos laboratórios de ensino das primeiras instituições de ensino superior, e de pesquisa aplicada, fundadas em Porto Alegre, ainda nos últimos anos do século XIX.

Na seção **Relatos de Experiência**, o primeiro texto é de autoria de Júlia Lorrayne, Douglas Mansur da Silva e Sheila Maria Doula. O relato apresenta análise de como o trabalho doméstico está representado no Museu de Artes e Ofícios (MAO), Belo Horizonte, Minas Gerais, visualiza a conexão entre preservação e a representação de gênero. A partir das exposições do MAO, entende-se que não houve a intenção de se representar as tecnologias e esse tipo de trabalho, apesar da vasta coleção associada. A ausência da correlação das tecnologias domésticas com a vida da casa pode ser relacionada à invisibilidade que esse tipo de atividade ou o trabalho realizado pelas mulheres no ambiente “do lar” sempre apresentou e ao seu *status* de não trabalho. Em seguida, Pedro Ernesto Freitas Lima, a partir das análises da narrativa curatorial e de obras integrantes da 3ª Bienal da Bahia, realizada em 2014 em Salvador, problematiza como o evento, ao propor o questionamento “É tudo Nordeste?”, discutiu arte, identidade e instituições artísticas a partir do agenciamento de questões identitárias, utilizando a dimensão expositiva em diferentes *loci* instaurados pelos trabalhos artísticos, por sua vez, de diferentes linguagens e procedimentos filiados à arte contemporânea. O último relato, de autoria de Bruno Santana da Silva, apresenta a experiência de uso de *QR Codes* na exposição “Tecnologia: a vida passou por aqui” no Museu Câmara Cascudo, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Esse recurso para acesso a conteúdo digital extra através do uso de celular é cada vez mais utilizado como recurso de comunicação em museus. Comparou-se a quantidade total de visitantes com a quantidade daqueles que consultaram os *QR Codes*. Analisou-se também a média de *QR Codes* consultados por pessoa e o tempo médio de duração desta consulta. Apenas 2,23% dos visitantes consultaram *QR Codes* na exposição, consultando menos de dois *QR Codes* (13% dos disponíveis) durante 3 minutos e 35 segundos em média.

Na seção **Resenhas**, Carlos Terra analisa o livro “O Sagrado no Museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português” de autoria de Maria Isabel Roque.

Desejamos a todos uma leitura prazerosa e academicamente proveitosa.

Marcus Granato e Diana Farjalla Correia Lima
Editores científicos

FOREWORD

These are extreme times we are living through. A coronavirus is literally putting the existing global economic, political and social structure on the line, throwing up uncertainties about the future in the short, medium and long term. In this context, the vast majority of human beings turn to the academy for hope, in anxious expectation of the development, in record time, of a drug or vaccine

to avert total catastrophe. But it is precisely this area of society, in Brazil, that has been the target a barrage of public policies in recent years, resulting in severely curtailed budgets. Yet now is also a time when we may hope that this potential change of paradigm, forcing us to leave our comfort zone and rethink our limited values and ways of being, may herald real changes that prompt us to become a better version of ourselves.

As in the Foreword to the previous issue of our journal, albeit in an absolutely different context, we the editors call on our readers not to admit defeat, but to harness this situation to invest in your improvement, your personal relationships and, above all, in solidarity.

This new issue of *Museologia e Patrimônio (M&P)* offers a series of articles, experience reports and reviews. The **Articles** section begins with five texts that all relate to the topic of the sacred in museology and heritage studies. The first, by the Portuguese researcher Maria Isabel Roque, discusses how museology intersects with religious phenomena, insofar as many museums exhibit objects related to the sacred, to religious worship and devotion. In particular, it discusses the *musealia* of Christian origin which, until the eighteenth century, accounted for much of all art production. This leads to a more in-depth analysis of the history of religious art, including the two-way influences between Portugal and Brazil, especially during the Baroque period, with their impacts on the intercultural dynamics of popular religious expression and the visible manifestations of this kind of religious worship. Roque uses the expression “museology of religion” and concludes that the challenges facing the musealization of the sacred are identical in both countries. Next, Myriam Andrade Ribeiro, a renowned specialist in religious art, gives a broad analysis of the fundamental aspects of the Baroque in the architecture and interior decoration of the churches built in Brazil between 1680 and 1750. She shows conclusively the independence of the Baroque and Rococo periods in Brazilian art in the seventeenth and eighteenth centuries, the latter of which was linked to the French and German tradition, while the former had ties to the Italian tradition. The third text, by Julio Cezar Neto Dantas and Teresa Scheiner, presents some aspects of the historical memory of the town of Paraty, in south-eastern Brazil, in some of its tangible and intangible traits, where the complex relational web that constitutes the town as heritage is presented through religious practices linked to the brotherhoods who have historically organized and oriented the townfolk’s religious sentiments. The authors stress that the heritage that is Paraty has its roots in more than just community rituals and musealized artefacts, more than churches and chapels and festivities; it is present in architectural features of the historical town centre, in the chime of the church bells, in the smiles and emotions of the people. Religious devotion is the heritage that truly fosters its continuity over time, constituting the “spirit of the place”. In the following article, Percival Tirapele discusses the transplanting of objects which are primarily religious in nature into museums, where they assume other functions no longer for the faithful, but for scholars. He focuses on the expatriation of religious artworks and even places of worship to museums in developed countries, such as artefacts from Antiquity, in Ancient Greece, Egypt and Rome, which are to be found in great numbers in the major museums of Europe and the United States. For over a hundred years, until the twentieth century, the nations and museums involved in such practices were seen in a positive light as saviours or guardians of this heritage. The article ends with a discussion of the case of religious objects from the Baroque period in Brazil. The sixth

article, entitled “Provincial Museums: contributions to an overview of Brazilian museology”, by Suely Moraes Ceravolo and Maria Margaret Lopes, presents the findings of a study of provincial museums, based on archives, bibliographical material and collections built up during the nineteenth century which, according to the authors, have not attracted much attention yet in the country’s historiography. These museums located in the provinces (later renamed states) do not have a “national” status. This leads to a problematization of the idea of the “lost museum” and also the very idea of the provincial museum, taking two museums in Bahia as case studies: Museu Provincial (Provincial Museum) and Museu Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (Museum of the Bahia Institute of Geography and History). The inherent impermanence of the phenomenon of taphonomy is discussed, and an approach for the study of collections and museums is proposed that does not “encapsulate” them for posterity, but sees them as part of Brazil’s museological past. The next article, by Clovis Carvalho Britto, also concerns museums in Bahia. It investigates one of the key moments in the debate about the musealization of mortal remains in Brazil by comparing different narratives concerning the human remains of members of the *cangaço* armed movement exhibited until the 1960s at Estácio de Lima Museum, in Salvador, north-eastern Brazil. The musealization of these human remains sparked a debate that brought the realm of the museum into contact with the sphere of human rights, casting into question the impacts of the production, archiving and display of such a legacy. The narratives about the erstwhile museum and its “collection of heads” help develop an understanding of the complex discursive web set into play by musealization and a perception of the limits and impacts of the exhibition of sensitive objects in museums. The eighth article, by Soraya Almeida, discusses a set of rocks marked with grooved lines from Morro da Guia in Cabo Frio, south-eastern Brazil. These grooves have been attributed to several origins: rock polishing, petroglyphs, geographical markings and symbols of mystical rituals. According to the author, they are remains of a quarry that existed in the Cabo Frio area before it was settled by the Portuguese. The petrographic study confirms the correlation between the rocks from Morro da Guia and the ones in the stonework of the convent of Our Lady of the Angels, home to the Museu de Arte Religiosa e Tradicional (Museum of Religious and Traditional Art), whose collection of sacred art dates from the seventeenth and eighteenth centuries. Almeida suggests that the Morro da Guia rocks, with their grooved markings, and the stonework and masonry deriving from them are associated to the museum’s physical and memorial heritage. In the final article, Kimberly Terrany Alves Pires and Ana Carolina Gelmini de Faria propose the construction of knowledge based on material culture, in particular the museological collection from the physics teaching labs at the Institute of Physics of the Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil. The museological study process is presented along with the results of its application to a particular object: an interferometer manufactured by Michelson and Fabry-Perot. The studies indicate that the objects from the collection could have belonged to the teaching laboratories at the earliest higher education and applied research establishments in Porto Alegre, founded in the final years of the nineteenth century.

The first text in the **Experience Reports** section is by Júlia Lorrayne, Douglas Mansur da Silva and Sheila Maria Doula: an analysis of how domestic work is represented at the Museu de Artes e Ofícios (Museum of Arts and Crafts), in Belo Horizonte, south-eastern Brazil, evidencing

the connection between preservation and gender representation. From the museum's exhibitions, it can be understood that no attempt has been made to represent this type of work and related technologies, despite the size of the associated collection. The lack of correlation of domestic technologies with housework may have to do with the enduring invisibility of this kind of activity and the work done by women inside the home, with its status as non-work. After this, Pedro Ernesto Freitas Lima, drawing on analyses of the curatorial narrative and artworks from the third Bahia Biennale, held in 2014 in Salvador, Brazil, investigates how the event, with its thematic question "Is Everything Northeast?", discussed art, identity and art institutions by instrumentalizing questions of identity, using the exhibition dimension in different *loci* spawned by the artworks, which themselves reflected multiple languages and procedures from the world of contemporary art. The final report, by Bruno Santana da Silva, recounts the experience of the use of QR codes in *Ichnology: life has been here before*, an exhibition held at Câmara Cascudo Museum in Natal, north-eastern Brazil. This method for providing extra digital content via mobile phone is becoming increasingly widespread at museums nowadays. The total number of visitors was compared with the number of times the QR codes were accessed. The average number of QR codes consulted per person and mean duration of each consultation were also calculated. Just 2.23% of the visitors consulted the exhibition's QR codes: fewer than two QR codes (13% of those available) for an average of three minutes 35 seconds.

In the **Reviews** section, Carlos Terra analyses the book *O Sagrado no Museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português* (The Sacred in the Museum: the Musealization of Catholic Objects of Worship in a Portuguese Context), by Maria Isabel Roque.

We wish you a pleasant and academically rewarding read.

Marcus Granato and Diana Farjalla Correia Lima
Scientific editors

PRESENTACIÓN

El momento actual en que vivimos es extremo, un coronavirus literalmente pone a prueba la estructura actual de la organización económica, política y social, lo que genera incertidumbre sobre el futuro, tanto en el corto, mediano y largo plazo. Es en este contexto que las esperanzas de la gran mayoría de los seres humanos recaen en el área académica, esperando ansiosamente que se desarrolle un medicamento o vacuna en tiempo récord para salvarnos de la catástrofe. Precisamente el área académica que, en Brasil, ha sido tan atacada y amenazada por las políticas públicas, las cuales restringieron el financiamiento en los últimos años. Por otro lado, se espera que este posible cambio de paradigma, que nos obliga a salir de la zona de confort y a superar creencias y formas de ser limitantes, permita transformaciones que nos lleven a ser una mejor versión de nosotros mismos.

Así como en la Presentación del número anterior de nuestra revista, pero en un contexto muy diferente, el editorial insta a sus lectores a no sentirse abrumados, a utilizar esta situación

para invertir en su perfeccionamiento, en las relaciones personales y, especialmente, en la solidaridad.

El nuevo número de *Museologia e Patrimônio* (M&P) presenta textos en las secciones Artículos, Relatos de Experiencia y Reseñas. La sección **Artículos** comienza con un grupo de cinco textos que se articulan sobre el tema de lo sagrado en Museología y en estudios sobre Patrimonio. El primer texto, escrito por la investigadora portuguesa Maria Isabel Roque, aborda las intersecciones de la museología con el fenómeno religioso, ya que muchos museos exhiben objetos relacionados con lo sagrado, con la adoración y la devoción. Más específicamente, discute la *musealía* proveniente del Cristianismo, responsable hasta el siglo XVIII de gran parte de la producción artística. En este contexto, la autora entra en la historia del arte religioso, abordando la influencia mutua entre Portugal y Brasil, especialmente en el contexto barroco, con reflejos en las dinámicas interculturales de la religiosidad popular y de las manifestaciones de su culto externo. Utiliza la expresión museología de la religión y concluye que los desafíos que enfrenta la musealización de lo sagrado son idénticos en ambos países. Luego, Myriam Andrade Ribeiro, una reconocida experta en arte sacro, describe los aspectos fundamentales del Barroco en la arquitectura y decoración del interior de las iglesias construidas en Brasil entre 1680 y 1750. Demuestra de manera concluyente la independencia de los períodos Barroco y Rococó en el arte brasileño de los siglos XVII y XVIII, el último vinculado a la tradición francesa y germánica y el primero a la tradición italiana. El tercer texto, escrito por Julio Cezar Neto Dantas y Teresa Scheiner, presenta aspectos de la memoria histórica de Paraty, en algunos rastros materiales e inmateriales, donde la compleja red relacional que constituye la ciudad como patrimonio se presenta a través de prácticas religiosas vinculadas a las Hermandades que históricamente organizan y dirigen el sentimiento de religiosidad de los residentes. Los autores señalan que el “patrimonio paratyense” va más allá de los rituales comunitarios y los objetos musealizados, va más allá de las iglesias, capillas y prácticas festivas. Él está presente en los aspectos arquitectónicos de su centro histórico, en el repique de campanas de las iglesias, en la sonrisa y la emoción de las personas. La devoción religiosa es el verdadero patrimonio que permite su continuidad en el tiempo, el “espíritu del lugar”. En el siguiente artículo, Percival Tirapele discute la transposición de objetos principalmente religiosos a los museos, donde tienen otras funciones que ya no son para los fieles, sino para los estudiosos. Aborda la expatriación de obras religiosas e incluso templos a los museos de países desarrollados. Con este fin, presenta numerosos ejemplos de la antigüedad, de la antigua Grecia y Egipto, así como de la Roma papal, que se encuentran en los principales museos de Europa y Estados Unidos. Este refugio ofrecido por estos países y sus museos, como salvadores y guardianes de estos objetos por más de un siglo, fue visto con benevolencia hasta el siglo pasado. Al final, el autor también aborda el caso de las piezas religiosas del barroco brasileño. El sexto artículo, titulado “Museos provinciales: contribuciones al panorama museológico brasileño”, tiene como autoras a Suely Moraes Ceravolo y Maria Margaret Lopes. El texto presenta resultados de investigaciones sobre museos provinciales, de fuentes de archivo, material bibliográfico y colecciones constituidas durante el siglo XIX que, según las autoras, no merecían una atención mayor por parte de la historiografía en el país. Estos museos, ubicados en provincias (posteriormente, estados federales), no están incluidos en el *status* de

nacionales. Se cuestiona la idea de los museos perdidos (*lost museums*) así como la idea de los museos provinciales, tomando como ejemplo el caso de los museos bahianos (el Provincial y el del Instituto Geográfico e Histórico de Bahía). Se problematiza la no permanencia que surge del fenómeno de la tafonomía buscando presentar una ruta de estudios sobre colecciones y museos que no son “cápsulas para la posteridad”, pero que pueden formar parte del pasado museológico brasileño. En el siguiente artículo, escrito por Clovis Carvalho Britto, también relacionado con el museo bahiano, se investiga uno de los momentos centrales del debate sobre la musealización de restos mortales en Brasil, basado en la comparación de diferentes narrativas sobre los restos humanos del Cangaço (movimiento armado de nómades nordestinos) exhibido, hasta la década de 1960, en el Museo Estácio de Lima, en Salvador. Según el autor, la musealización de los restos del Cangaço inauguró un debate que estrechó los museos a los Derechos Humanos, problematizando los impactos de las acciones de producción, archivo y difusión de legados. Las narraciones sobre el extinto Museo Estácio de Lima y su “colección de cabezas” contribuyen a la comprensión de la compleja trama discursiva desencadenada por la musealización y a la percepción de los límites y repercusiones de la exposición de “objetos sensibles” en los museos. El octavo artículo, escrito por Soraya Almeida, analiza un conjunto de rocas con surcos lineales ubicados en Morro da Guia, en la ciudad de Cabo Frio. Varios orígenes han sido atribuidos a estas marcas, interpretadas ya como pulidores líticos, petroglifos, marcadores geográficos y hasta símbolos de rituales místicos. Según el autor, los surcos son vestigios de una cantera cuya explotación precede a la instalación de la colonia portuguesa en Cabo Frio. El estudio petrográfico confirma la correlación entre las rocas de Morro da Guia y las que componen la cantería del Convento de Nossa Senhora dos Anjos, que alberga el Museo de Arte Religioso y Tradicional, con una colección de arte sacro de los siglos XVII y XVIII. La autora sugiere que las rocas de Morro da Guia, con sus Piedras Surcadas, así como la cantería y la mampostería derivada de ellas, están asociadas con la historia del patrimonio físico y el memorial del museo. En el último artículo, escrito por Kimberly Terrany Alves Pires y Ana Carolina Gelmini de Faria, se propone construir conocimiento basado en la cultura material, considerando el acervo museológico de los Laboratorios de Enseñanza de Física, vinculados al Instituto de Física de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul. Se presenta el itinerario de investigación museológico y sus resultados a partir de un objeto: el Interferómetro de Michelson y Fabry-Perot. La investigación realizada indicó que existe la posibilidad de que los objetos de la colección pertenecieron a los laboratorios docentes de las primeras instituciones de educación superior, y de investigación aplicada, fundadas en Porto Alegre, aún en los últimos años del siglo XIX.

En la sección **Relatos de Experiencia**, el primer texto tiene como autores a Júlia Lorrayne, Douglas Mansur da Silva y Sheila Maria Doula. El relato, un análisis de cómo se representa el trabajo doméstico en el Museo de Artes y Oficios (MAO), Belo Horizonte, Minas Gerais, visualiza la conexión entre la preservación y la representación de género. De las exposiciones MAO, se entiende que no hubo intención de representarse las tecnologías y este tipo de trabajo, a pesar de la vasta colección asociada. La ausencia de una correlación entre las tecnologías domésticas y el trabajo de casa puede estar relacionada con la invisibilidad que este tipo de actividad o trabajo realizado por las mujeres en el ambiente “del hogar” siempre ha

presentado y con su *status* de no trabajo. En seguida, Pedro Ernesto Freitas Lima, basado en el análisis de la narrativa curatorial y las obras que conforman la 3ª Bienal de Bahía, llevada a cabo en 2014 en Salvador, analiza cómo el evento, al proponer la pregunta “¿Es todo Nordeste?”, discutió el arte, la identidad y las instituciones artísticas a partir de la gestión de cuestiones de identidad, utilizando la dimensión expositiva en diferentes lugares establecidos por obras artísticas, a su vez, de diferentes lenguajes y procedimientos afiliados al arte contemporáneo. El último relato, escrito por Bruno Santana da Silva, presenta la experiencia de usar códigos QR en la exposición “Icnología: la vida pasó por aquí” en el Museo Câmara Cascudo, en la ciudad de Natal, Río Grande do Norte. Este modo de acceder al contenido digital adicional usando el teléfono celular es cada vez más empleado como recurso de comunicación en los museos. Se comparó el número total de visitantes con el número de quienes consultaron los códigos QR. Se analizó también el promedio de códigos QR consultados por persona y la duración promedio de esta consulta. Solo el 2,23% de los visitantes consultó los códigos QR en la exposición, consultando menos de dos códigos QR (13% de los disponibles) durante 3 minutos y 35 segundos en promedio.

En la sección **Reseñas**, Carlos Terra analiza el libro *O Sagrado no Museu: musealização de objectos do culto católico em contexto português* (Lo sagrado en el museo: la musealización de objetos de culto católico en un contexto portugués), de Maria Isabel Roque.

Deseamos a todos una lectura placentera y académicamente provechosa.

Marcus Granato y Diana Farjalla Correia Lima
Editores científicos